

A Estreia de O Exorcista em Natal: Uma Análise do Discurso Crítica da Imprensa Local¹

Lara Paiva de França²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.

RESUMO

Este artigo realiza uma Análise do Discurso Crítica (ADC) da cobertura jornalística sobre a estreia do filme O Exorcista (1973) na cidade de Natal (RN), nos anos 1970. A partir de recortes de jornais impressos da época, busca-se compreender como a imprensa local construiu discursos sobre o filme, mobilizando elementos religiosos, morais e sensacionalistas. Fundamentado nos estudos de Fairclough, van Dijk e Wodak, o trabalho analisa como a linguagem jornalística não somente refletiu, mas também ajudou a moldar percepções sociais sobre o “mal”, o medo e os limites do aceitável no consumo cultural urbano.

PALAVRAS-CHAVE: análise do discurso crítica; O Exorcista; imprensa natalense; censura; cultura.

1. INTRODUÇÃO

A estreia do filme O Exorcista (William Friedkin, 1973) gerou comoção e debate em diversos países, incluindo o Brasil. Em Natal, jornais locais abordaram o fenômeno com tons de espanto, moralismo e sensacionalismo. Este artigo propõe uma leitura crítica dessa cobertura, sob a ótica da Análise do Discurso Crítica (ADC), entendendo a imprensa como um ator que não somente informa, mas também participa da construção simbólica da realidade. Ou seja, existe a construção da memória.

A análise parte do princípio de que os discursos jornalísticos não somente práticas sociais situadas, e que refletem (e reproduzem) estruturas de poder, crenças coletivas e disputas ideológicas. Mas também, pode auxiliar na construção de memórias de uma sociedade por meio dos relatos de jornais.

A cobertura de O Exorcista revela muito mais do que uma simples crítica cinematográfica: mostra a curiosidade do natalense acerca de um filme e também a história de uma cidade durante o Governo Militar (1964-1985).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos de Cultura Pop e Comunicação (GTNE15), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudo da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), formada em jornalismo e publicidade pela mesma instituição, e-mail: paivalaraf@gmail.com.

2. METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com base na ADC. O corpus é composto por matérias jornalísticas publicadas em jornais de Natal (como A República, Tribuna do Norte, Diário de Natal, entre outros) entre 1974 e 1975, período da estreia do filme no Brasil.

As matérias foram analisadas quanto à sua estrutura linguística, aos vocabulários utilizados, às estratégias argumentativas e aos contextos discursivos mobilizados.

Realizamos uma revisão de literatura abrangente, incluindo estudos de mídia, história do cinema e pesquisa cultural. Posteriormente, faremos um recorte das páginas dos jornais no qual o nome "O Exorcista" apareceu na década de 70.

Para o Diário de Natal e O Poti, coletamos os jornais através do site da Hemeroteca Nacional, página do Arquivo Nacional, que disponibiliza os jornais da década de 70 digitalizados e domínio público. Lá, utilizamos seu serviço de busca, adicionamos a palavra "O Exorcista" na seção de busca. Posteriormente, acessamos as pastas dos jornais dos anos 70, que indicavam às vezes que a palavra foi mencionada na década.

Já a Tribuna do Norte a busca foi um pouco mais complexa, porque tivemos que ir presencialmente à hemeroteca da Biblioteca Central Zila Mamede da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e tivemos que analisar cada edição de 1974 e 1975, vasculhar minuciosamente todos os jornais que mencionaram o filme.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA

Antes precisamos explicar o que é discurso, no qual para Foucault (1996) aponta que o conceito de discurso passou por diferentes significados ao longo dos anos. Os poetas gregos, por exemplo, apontavam que havia o discurso verdadeiro, que reproduzia o que era considerado certo e justo, pronunciado pelas pessoas que realmente estudou um determinado assunto.

O conceito de verdade mudou ao longo do tempo, se deslocando ao ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação, a sua referência (FOUCAULT, 1996, p.15).

No período do renascimento houve uma necessidade de saber o que prescrita e o nível técnico dos discursos. Tudo se passa como se, a partir de grande divisão platônica, a vontade de verdade tivesse sua própria história, que não é a das verdades que constroem: histórias dos planos de objetos a conhecer, história das funções e posições do sujeito cognoscente, história dos investimentos materiais, técnicos, instrumentais do conhecimento.

É seguindo este contexto que vem a ideia de Análise do Discurso Crítica (ADC), uma abordagem que entende o discurso como uma forma de ação social sempre atravessada por relações de poder e ideologia. Para Van Dijk (2005), a análise Crítica do Discurso (ACD) é um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos originais e escritos no contexto social e político.

Em um nível elementar, mas fundamental da análise, as relações de poder social manifestam-se, tipicamente, na interação. Uma dessas interações pode ser através do jornal ou o seu leitor. Nos anos 70, tempo que aconteceu as reportagens de análise de discurso para a elaboração deste artigo.

Tanto Van Dijk quanto Foucault acreditam que o discurso nada mais é do que a reverberação de um fato ou conceito. Ou seja, tudo que pode ser dito. Mostrando, então, que o discurso é a união do interesse entre poder, da palavra e do leitor.

Para entender a recepção de um acontecimento, precisa entender a leitura dos jornais daquele Brasil Militar e que questões socioeconômicas, históricas e culturais podem compreender o motivo dos jornais retratarem o lançamento de um simples filme de terror.

Foucault (1996, p.43) já dizia que grupos sociais, dependendo das condições socioeconômicas, históricas e culturais, podem se envolver com o exercício de diferentes discursos, trazendo uma forma peculiar social.

4. ANÁLISE DOS DISCURSOS JORNALÍSTICOS DOS JORNAIS

A análise dos jornais *Diário de Natal* e *O Poti*, ambos pertencentes aos Diários Associados, mostra como a mídia local cobriu a estreia do filme *O Exorcista* em Natal entre os anos de 1974 e 1975. O *Diário de Natal*, fundado em 1939 e ao longo das

décadas, principalmente sob a direção de Luiz Maria Alves, o jornal tornou-se o mais influente da capital potiguar, chegando a circular com mais de 30 mil exemplares aos domingos (VIDAL, 2017).

A Tribuna do Norte, concorrente dos Diários Associados, adotou uma linguagem mais sóbria e crítica. Dividiremos a seguir como os jornais abordaram cada obra:

4.1. O EXORCISTA COMO ACONTECIMENTO MIDIÁTICO

O filme foi liberado pela censura e anunciado em Natal apenas em março de 1975, cerca de um ano após sua estreia em grandes capitais como Rio de Janeiro e São Paulo. Antes disso, jornais locais já noticiavam seu impacto nos Estados Unidos e a censura no Brasil. A cobertura dos jornais reflete o que John B. Thompson define como o papel da mídia moderna na construção de significados simbólicos. Segundo o autor, os meios de comunicação operam como agentes de descontextualização e reinterpretação de eventos (THOMPSON, 1995).

No caso de *O Exorcista*, a mídia local ajudou a criar um senso de urgência e relevância, transformando o filme em um verdadeiro “acontecimento”, como define Vera França (2012). Isso é perceptível nas colunas que relatam viagens de potiguares a João Pessoa para assistirem ao filme antes de sua liberação em Natal (DIÁRIO DE NATAL, 1975).

4.2. A ESTREIA COMO PRÁTICA SOCIAL E ESPETÁCULO

A chegada oficial do filme à capital potiguar, anunciada para o dia 28 de março de 1975 (adiada para 26 de abril), foi tratada como evento social. Colunas destacaram a movimentação nas bilheteria do Cine Rio Grande, a ansiedade do público e até mesmo o envolvimento da polícia para conter aglomerações ou fiscalizar menores de idade nas sessões, diante do teor do filme e sua classificação indicativa de 18 anos (DIÁRIO DE NATAL, 1975).

O discurso midiático, nesse sentido, reforçou o que Kotler e Keller (2012) chamam de *buzz*: a criação de burburinho social por meio da mídia e da mobilização espontânea do público. A cobertura incluiu desde solicitações de leitores ao diretor do cinema, até matérias informando sobre horários, censura e repercussão do filme nas redes sociais da época — as colunas sociais e os boatos populares. Um dos colunistas

chegou a escrever: “O cinema Rio Grande continua lotado em todas as sessões em que exhibe o filme *O Exorcista*” (MACEDO, APUD: DIÁRIO DE NATAL, 1975).

4.3. TRIBUNA DO NORTE E A ABORDAGEM CRÍTICA

O jornal iniciou sua cobertura com matérias de agências internacionais, destacando o medo causado pelo filme nos Estados Unidos. Seu tom mais reservado se alinha ao que Foucault (1996) descreve como discursos que se autorregulam e operam com filtros de rarefação e reverberação. As resenhas publicadas no caderno de cultura da *Tribuna* são marcadamente negativas, com descrições que apontam a obra como "melosa", "de péssima qualidade" e com "roteiro imbecil", segundo uma crítica publicada ao fim de abril de 1975 (TRIBUNA DO NORTE, 1975). Ainda assim, o jornal acompanhou a reação popular e noticiou sessões lotadas, filas e prorrogação da exibição do filme no Cine Rio Grande.

Apesar da crítica negativa, o jornal explorou o tema do exorcismo em reportagens que relacionavam a prática religiosa com o cordel e a cultura nordestina, demonstrando o princípio de reverberação discursiva apontado por Foucault (1996).

4.4. O DISCURSO COMO FERRAMENTA DE CONTROLE SIMBÓLICO

A análise evidencia o papel da imprensa como mediadora do discurso e como agente que participa da produção de sentidos sociais. Van Dijk (2005) argumenta que o discurso é uma das principais formas de controle simbólico, especialmente quando manifesta relações de poder. A cobertura midiática sobre *O Exorcista* ilustra esse papel, ao mesmo tempo em que informa, induz comportamentos, legitima valores e censura excessos.

A imprensa não apenas repercutiu a estreia do filme, mas ajudou a redefinir a experiência de ir ao cinema em Natal nos anos 1970. O ritual de assistir ao filme se tornou um evento social, como mostra a presença de charges, chamadas em colunas esportivas e citações indiretas em crônicas políticas. Esse fenômeno também corrobora a ideia de que o discurso não é apenas reflexo de práticas sociais, mas prática em si.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise demonstra que os jornais natalenses não apenas noticiaram a estreia de *O Exorcista*, mas também construíram sentidos sobre o filme por meio de discursos atravessados por medo, moralismo e controle.

A imprensa, como prática discursiva, ajudou a mediar a recepção cultural da obra, colaborando tanto para o sensacionalismo quanto para a repressão simbólica. A Análise do Discurso Crítica revela, assim, como o jornalismo local refletiu tensões mais amplas de Natal dos anos 70.

Apesar das diferenças editoriais, todos os jornais atuaram como mediadores simbólicos, repercutindo e produzindo sentidos em torno do filme. A repercussão de *O Exorcista* em Natal, conforme demonstrado, ilustra o papel da mídia como agente de transformação cultural e como o discurso jornalístico atua na construção de significados e práticas sociais.

Referências bibliográficas

BEZERRA, Cristina D'Oliveira Vidal; KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos. **Memórias do jornalismo impresso potiguar: a importância de Luiz Maria Alves para a história do Diário de Natal**. In: XL CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 40, 2017, Curitiba. Paraná: Intercom, 2017. Disponível em : <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017>. Acesso em: 15 nov. 2024.

DIÁRIO DE NATAL. Edições diversas. 1974–1975.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. *Administração de marketing*. São Paulo: Pearson, 2012.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2005.

TRIBUNA DO NORTE. Edições diversas. 1974–1975.